

DEPOIMENTOS

GERAIZEIROS DA COMUNIDADE DE VEREDA FUNDA

1

Eu nunca tinha nem visto falar numa máquina de derrubar mato. Quando a máquina vinha, eu fui topar com a máquina e falei: aí agora vocês não pode passar! Aí, quando eu falei que não podia passar, o menino lá da máquina respondeu que não podia parar. Se você não pode parar, você dá uma ré nela e vai embora; então, foi que ele desviou um pouco.

2

Nós, pelo menos, não tinha conhecimento de nada. Falou pra nós que ia ser muito bom pro pessoal, que ia dar emprego pra todo mundo, que ia aproveitar até a rama. Então, o povo achou que aquilo ia ser uma beleza pra todo mundo, que até as folhas ia aproveitar para fazer remédio e tudo. Mas depois, quando eles vieram quebrando o mato, aí nós achou meio esquisito, porque ficou uma feiúra esquisita... Eu, pelo menos, quando vi o correntão passar quebrando esses piquizeiros, aquilo pra mim foi um fim de mundo. Parece que era o mundo que tava acabando naquela hora pra mim, porque eles quebraram e coivaram isso aí e botaram fogo e tombou e eu não achei graça naquilo, nunca.

Aqui tem um corregozinho que corria água, que nem em 39 não secou. Quando eles plantaram o eucalipto, um dia eles apanharam dez pipas d'água aí nesse riozinho. Não fazia diferença na água. Mas quando o eucalipto tava aí na base duns cinco a seis anos, o riozinho secou que, agora, com esse tanto que choveu, até agora ainda não tá correndo água no rio. Nunca mais! Toda época da seca o rio acaba. Então, eu pelo menos fui esmorecendo que precisei mudar daqui, morei lá em Novo Horizonte onze anos porque não tinha como sobreviver aqui mais. Mas, aí, o eucalipto foi acabando, porque agora não tem 50% do eucalipto que tinha naquela época. Então, as águas foi voltando de novo e eu tornei a voltar outra vez pra minha velha morada de novo. Mas, pra mim, aquilo foi um fim de mundo.

Eu, pelo menos, me senti muito prejudicado. Pra mim, o eucalipto nunca deu emprego nenhum, porque aqui o eucalipto deu muito resultado pras pessoas de fora, que compravam o carvão pras siderúrgicas. Mas, pra mim, do lugar, nunca me deu resultado nenhum, me deu, foi muito foi prejuízo. E mesmo pras pessoas que ele empregou: eu tenho um irmão de criação que começou a trabalhar nesse eucalipto de novo, da idade de dezoito anos; trabalhou até morrer trabalhando nessa firma de eucalipto sem adquirir nada dessa vida. Começou capinando o eucalipto, com pouco virou cortando o eucalipto, com pouco virou fazendo o carvão e até morreu, como diz, pode dizer que morreu à mingua nessas carvoeiras. O que eu tenho pra contar é isso!

3

Quando plantou as primeiras plantas de eucalipto aqui eu era mocinho novo! Eu só lembro daquele terreirão medonho daqui do entroncamento, a terra vermelha. Quando o sol tava quente, chegava brilhar... .mas, como eu era o mais sem sentido, naquela época pra mim era tudo normal. Foi depois de muitos anos que a gente sofreu o embate direto na pele! Eu vi depois que a gente sofreu o embate, a gente percebeu o tanto que era ruim, agora!

4

A propriedade nossa de lá tinha uma fábrica de farinha que funcionava com água; tinha água que tocava a roda que relava mandioca; a água passava no fundo da casa. É essa água que passa no córrego aqui em baixo. Então, quando chegou o eucalipto, essa água foi diminuindo e hoje não tem mais nada. Antes, como a gente sabe que o povo vivia na comunidade, tinha uma forma de vida bem interessante. Aqui era assim: todo mundo plantava suas coisas e colhia basicamente tudo; esse é o relato que as pessoas contam! Era assim antes mesmo de ter a comunidade religiosa, que veio as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs); depois, teve os culto. Aí, o pessoal vivia mais nas casas, tinha as rezas do terço nas casas.

O pessoal vivia assim, caçando, pescando; toda cabeceira desse rio aí tinha cobra e tinha peixe! E tinha muita caça nesse mato e o pessoal vivia muito disso, pescava e caçava bastante e plantava e colhia de tudo aqui: feijão, mandioca, arroz, cana, andu, abacaxi, verdura, fruta. Tudo praticamente o pessoal colhia aqui, não tinha que vir nada de fora. E aí começou a comunidade a se organizar. Foi dona Maria Elisa, que não morava nessa comunidade, ela morava na comunidade vizinha; ela casou com um rapaz daqui, mudou pra cá e começou a organizar o culto e aí tinha as celebrações e as CEBs! Aqui tem os cursos que fazia de três dias, tem cinco grupos de reflexão dentro da comunidade e aqui gente discutia muito a forma de organização.

Então, com a chegada do eucalipto, começou a oprimir muita coisa, muitas famílias começaram a perder a terra. Primeiro, perderam a terra; depois, começaram a perder a cultura. Vinha o pessoal de fora, das firmas, vinha pra plantar o eucalipto, depois colher e fazer as carvoeiras. As festas, de noite, a gente não podia fazer mais; o pessoal invadia e fazia briga mesmo; então, daí, a primeira coisa que perdeu foi as festas à noite. Foi uma das coisas que nós foi perdendo aqui, as folias de reis, a festa de fogueira que tinha na noite de São João, isso tudo que tinha muito aqui não pode fazer mais porque o pessoal das carvoeiras vinha e invadia e começava a fazer briga com as pessoas do lugar, aí teve que acabar.

Depois, as caças, perdeu tudo; o pessoal que vinha das carvoeiras trabalhava até meio dia e de meio dia pra tarde vinha aqui matar os bichos que tinha aqui, aí foi acabando com os bichos tudo. Também os bichos não têm onde viver mais, né? O rio secou. Com isso, acabou com os peixes também e depois secou a terra e não teve onde o povo plantar mais. Essas reuniões que nós

fazia era pra discutir isso! A partir de 1994, pra cá, foi assim, com o conhecimento que a gente teve junto do CAA, através da Pastoral da Terra, com Frei Paulo, que veio de Salinas e fez reunião aqui na comunidade. Nós começamos a discutir também o que tava causando esse problema aqui na comunidade. Todo mundo sabia, mas a gente não discutia isso na vida de comunidade. A gente começou a falar: Por que tá tendo falta d'água aqui? Por que a terra tá mais fraca? Por que a gente tá produzindo menos?

Aí começamos a discutir isso. E a gente foi descobrindo que esse eucalipto que foi plantado, que a firma tinha feito um contrato com o Estado e que o contrato ia vencer, que aí poderia ter a terra de volta! Foi muito tempo, foi uns dez anos de conversa. Sei que em 1999 nós fez uma assembléia bem grande aqui na comunidade inteira? Então, um dos sonhos maior da comunidade era tirar o eucalipto daqui. Isso aí foi em 1999; em 2003, por aí, ia vencer o contrato da firma daqui e a gente ficou sabendo e começou a discutir mais o que ia fazer quando vencesse esse contrato. A gente achou que era mais simples, que quando chegasse o vencimento do contrato a firma ia devolver a terra e a terra ia voltar pra comunidade. De 1999 pra cá começamos a aprofundar bem essa discussão, de como ia ser essa luta...

5

A gente saía no campo pra procurar uma vaca; pensava que a vaca tava desmamando o bezerro! Quando a gente achava a vaca, ela já tava com o bucho cheio pra ganhar outro! Então, as vezes, a gente saía pelo campo e achava o gado do meu amigo e tocava pelo curral. Criava tudo junto, sabe? Não tinha separação, não. Já, hoje, depois do eucalipto, isso não existe mais, não. Inclusive, o eucalipto tomou conta do pasto! E exigiu pras pessoas não criar mais. Então, quem tem, é recanteado. Não é igual àquele tempo mais!

Até a lenha, também: a gente queimava muita lenha. Saía assim, com o animal, uma parelha de boi, a gente trazia lenha. Hoje, não: se quiser, tem que ser o eucalipto, porque não tem mais aquela lenha que tinha antigamente! E o eucalipto eles não deixam! Se a gente for pegar um pau, tem que ser escondidinho, porque se eles vê, eles querem até prender a gente! Então, de todo jeito as coisas começaram a complicar depois que apareceu o eucalipto. Inclusive, eu mesmo, pegava madeira aí, de eucalipto, à tardezinha! Ia lá com um machado, uma parelha de boi e deixava os boi escondidos; aí, chegava lá, já derrubava, já puxava nas costas, botava na beira da estrada e depois já ia, desamarrava os bois e amarrava aquele feixãozinho e trazia. Mas isso eles não pegavam, porque, se pegasse, surgia cadeia pra gente, inclusive até hoje! Gente, pra tirar a madeira, tem que pedir; se não pedir, eles pegam, mandam prender a gente.

6

É sobre o negócio da "solta do gado". Porque aqui, pra nós, naquela época, quando a gente deixou de criar as vacas no campo, fora, parece que nem tinha as doenças que hoje a gente tem que aplicar os remédios no gado. Naquele tempo, o remédio do gado era sal e creolina! Eu nunca possuí gado, mas a

gente trabalhou uns anos ajudando a o olhar gado dos vizinhos. Então, na solta também nesta Chapada ai tinha muita fruta pra ajudar na criação do gado..